

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Raphael Cescas

**INTERMITÊNCIA DA DISCIPLINA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: ANÁLISE
DE DANOS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Juarez Gomes Sofiste.

Juiz de Fora
2016

Intermitência da disciplina Filosofia no Ensino médio brasileiro: análise de danos

Intermittence of Philosophy discipline in the Brazilian High School: damage analysis

Raphael Cescas*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a percepção e a resposta dos alunos, no contexto de sala de aula, durante o Curso de Filosofia no ensino médio em Escola pública de perímetro urbano no centro da cidade Juiz de Fora/MG, os reflexos da intermitência do curso de Filosofia no currículo escolar brasileiro. Realizou-se um estudo observacional que acompanhou duas turmas de primeiro ano, uma de segundo ano e uma de terceiro ano, durante quatro semanas do primeiro semestre letivo de 2015. Sempre houve, conforme se observa na história, uma conturbada relação da disciplina Filosofia com os gestores do ensino no país, apesar de sua comprovada importância para a formação humana. Agora, de volta aos currículos, é necessário avaliar os impactos de sua ausência formal e buscar, na teoria e, principalmente, no campo prático, estratégias positivas para melhorar, dinamizar e discutir os reflexos da reinserção da Filosofia no aluno do ensino médio brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Filosofia, Ensino Médio

ABSTRACT

This study aims to analyze the perception and response of students in the classroom's context, in the Philosophy course at high school in a public school of urban area in downtown of Juiz de Fora / MG, the effects of intermittency Philosophy course at the Brazilian school curriculum. We conducted an observational study that followed two groups of first year, second year and third year during four weeks of the first semester of 2015. There has always been, as seen in history, a troubled relationship of discipline Philosophy with education managers in the country, despite its proven importance for human development. Now back to the curriculum, it is necessary to assess the impacts of its formal absence and look on theory, and especially, in the practical field, positive strategies to improve, enhance and discuss the effects of the reintegration of Philosophy student-Brazilian high school.

KEYWORDS: Teaching; Philosophy; High school.

1. Introdução

Desde o início da educação formal no Brasil, na época colonial com os jesuítas, a história nos aponta que a presença da Filosofia no ensino brasileiro tem sido reavaliada e desprestigiada pelos gestores das políticas educacionais. É do ponto de vista histórico que, segundo Juarez Gomes Sofiste, coordenador do Centro de Formação de Professores do curso de Filosofia e Diretor do “Pensando Bem ... Núcleo de Pesquisa em Filosofia e Educação” do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), há uma tendência forte em se afirmar que a exclusão da Filosofia das escolas sempre foi de ordem político-econômica, como consta no livro “Filosofia no ensino de 2º grau” de Maria Teresa Penteado Cartolano, teoria em que o presente estudo também se baseia⁹. Porém, é a partir do século XX que se pode fazer uma melhor análise mais condizente com os dias atuais, devido à similaridade com o modelo de ensino e, portanto, é a partir desse ponto que o presente artigo desenvolverá seu conteúdo histórico. Desse modo, gerou-se no Brasil uma “tradição” de descaso com a prática filosófica devido seu desaparecimento oficial, sempre intermitente, da vida acadêmica. Porém, de modo algum isso quer dizer que esse conhecimento deixou de ser necessário, como será mostrado adiante, na vida do aluno. Esse histórico de intermitência influenciou diretamente de maneira negativa no relacionamento dos discentes e, até mesmo dos docentes, com o conhecimento filosófico.

*Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: rafa-cesca@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Juarez Gomes Sofiste.

Por acreditar que a Filosofia seja a essência do conhecimento atual, essa pesquisa procura estudar como esse histórico de descaso com a Filosofia na educação formal influencia, hoje, depois de tantas décadas, com a volta da disciplina aos currículos nacionais, a relação dos alunos com a matéria no ensino médio e, conseqüentemente, destacar os pontos fortes e fracos do campo prático observado. A finalidade de tal abordagem consiste em contribuir para que o ensino da Filosofia possa fluir de maneira mais harmônica, tornando-se agradável e convidativo para docentes e, até mesmo, discentes. Assim, como em “Sócrates e o ensino da Filosofia: Investigação Dialógica – uma pedagogia para a docência de Filosofia”, do já citado prof^o Juarez, grande parte dos referenciais teóricos do trabalho são filosóficos, visto que pensaremos no ensino da Filosofia de uma perspectiva filosófica, para responder a pergunta motivadora desse estudo: “De que maneira a intermitência da Filosofia no currículo do ensino médio brasileiro impacta na educação dos jovens?”.

Para desenvolver o aqui proposto, foram analisadas as experiências de alunos de ensino médio com as práticas em sala de aula durante o Curso de Filosofia, em Escola pública de perímetro urbano no centro da cidade Juiz de Fora/MG, durante um mês do primeiro semestre letivo do ano de 2015, por meio de um estudo observacional. Escolheu-se esse modelo de estudo por se acreditar que a problemática da situação deva ser observada no campo prático, no dia a dia do desenvolver filosófico, local onde as teorias se perpetuam ou são descartadas, e não à distância, longe do convívio com os envolvidos no processo ensino/aprendizagem. Dessa forma, espera-se contribuir para que questionamentos acerca da validação, prática e aceitação da Filosofia como disciplina curricular, bem como sua validade para junto do aluno, indivíduo mais importante em toda essa problemática, estejam mais claros e sejam menos polêmicos a luz da razão.

No desenvolvimento da presente pesquisa, essa estará organizada de maneira a fazer, primeiramente, um abordagem histórica, para melhor entender a trajetória dos problemas relacionados a perpetuação da disciplina Filosofia no currículo desde seu início, e, após, discorreremos sobre as hipóteses e questionamentos relativos ao seu desenvolvimento nas escolas públicas e faremos a correlação entre o elemento histórico e questionador explorados. Seguindo a apresentação dos resultados da observação em campo prático, haverá a discussão desse e, finalizando, a breve conclusão sobre o discorrido no estudo.

2. Revisão Teórica

2.1. Apresentação histórica

No que diz respeito a obrigatoriedade da Filosofia no ensino médio brasileiro, seu histórico mostra sua conturbada relação com os gestores do ensino no país. Até o início do século XX, o ensino da Filosofia foi marcado por uma série de legislações que, embora muito editadas, não aproximavam em nada o ensino dessa e a realidade brasileira.

Em 1915, com a nova reforma educacional, Filosofia foi configurada como disciplina facultativa (decreto nº 11530), fazendo com que essa ressurgisse nos currículos em meio a um ambiente de intensas mudanças na sociedade, apesar de estar longe do lugar que realmente deveria ocupar. Apesar disso, com a ciência e as pesquisas europeias, a Filosofia era de pouca importância, mas acabou ressurgindo devido ao interesse das classes em ascensão². Nas décadas de 30 e 40, porém, houve duas reformas que mudaram a maneira de se educar indivíduos para a sociedade, a primeira visando não só sua formação acadêmica, mas em todos os setores de vida e, a segunda, com a Lei Orgânica do Ensino Secundário, que subdividiu o ensino colegial em científico e clássico, prevendo quatro horas semanais de aulas de Filosofia. Com o passar dos anos, esse tempo foi se reduzindo, bem como o espaço da disciplina formal no currículo^{1,2}.

Em 1961 (Lei nº 4.024/61), a Filosofia deixou de ser obrigatória como matéria nas escolas brasileiras (disciplinas ligadas a humanas sofreram restrições devido ao período militar e, posteriormente, a influência norteamericana, que voltava o ensino para a economia), sendo em 1971 (Lei nº 5.692/71 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) excluída do currículo escolar oficial e sugerida como disciplina complementar, estabelecendo-se um obstáculo para seu desenvolver quanto disciplina escolar¹. Na década de 90 (Lei nº 9.394 de 20/12/1996 – Lei de Diretrizes e Bases), determinou-se que, apesar de sua exclusão no currículo escolar obrigatório, o aluno deveria, segundo o Inciso III do § 1º do Artigo 36, “dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”³. A Filosofia entrava como complementar aos Temas

Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)². Apesar disso, não definir, mesmo que momentânea e superficialmente, o que se entende por “Filosofia” deixa uma lacuna que impossibilita conseguir triar o que é essencial para exercê-la, revelando uma falha em se exigir um conhecimento, pela lei, até então considerado essencial. Isso faz da Filosofia no contexto das PCN, interpretada como uma coletânea de conhecimentos de Filosofia a serem ensinados em perspectiva apenas didática, um verdadeiro despropósito, concordando com o profº Sofiste⁹. Hoje, a nova obrigatoriedade do ensino de Filosofia (lei 11.684/2008) reaquece mais uma vez as questões acerca desse conhecimento e de suas metodologias⁷. Dessa forma, a ideia de rediscutir os parâmetros curriculares para a disciplina, apesar de polêmica e até certo ponto um obstáculo para sua consolidação visto o panorama histórico de discussões e rediscussões nesse item apresentado, mostra-se também positiva para consolidar cada vez mais sua participação entre os componentes curriculares do ensino médio, a fim de esclarecer e direcionar o saber filosófico, tão amplo, para que, finalmente a filosofia possa retomar seu lugar de direito na formação de nossos estudantes³.

Como meio de resumir a dinâmica educacional em relação a presença da disciplina Filosofia no ensino médio, pode-se citar Mário Sérgio Cortella, filósofo e doutor em Educação pela PUC-SP e membro do Conselho Técnico Científico de Educação Básica da CAPES/MEC:

"A filosofia tem uma presença como componente curricular no ensino médio, mas ela não tem como componente curricular no ensino fundamental. Qual é a diferença pra quem não é da área de educação escola? Quando você organiza um currículo, você tem os assuntos que a escola trata, esses assuntos a gente chama de conteúdos curriculares [...] mas a escola não tem só componentes curriculares, por exemplo: orientação sexual, convivência, normas de civilidade e ecologia, são assuntos que permeiam o currículo, mas não obrigatoriamente tem uma disciplina com esse nome. Uma das maiores dificuldades nossa na educação escolar, é que quase sempre em todos os anos, em todas legislaturas sempre tem algum legislador que procura introduzir uma nova matéria dentro da escola, onde não cabe mais. Por exemplo, educação para o trânsito virar uma disciplina, ecologia virar outra, combate ao uso de drogas ilegais virar outra [...]". (NETO, 2013)

Completando o seu discurso, é desse modo que a Filosofia perde espaço no currículo onde “já não cabe mais nada”, mas nem por isso justifica-se eliminar o essencial a formação humana.

2.2. Apresentação teórica da problemática “Filosofia no ensino médio brasileiro”

Por definição, Filosofia é uma palavra com origem no grego que significa "amor à sabedoria", envolvendo-se com questões como o estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, o conhecimento, a verdade, os valores morais e estéticos, a mente e a linguagem. Já filosofar significa, segundo a obra de Sofiste, “questionar, problematizar, colocar em questão os valores instituídos”. Constituem, a Filosofia e o filosofar, segundo grandes filósofos como Platão, Sócrates e Aristóteles, uma condição essencial e natural do ser humano, que necessita ser desenvolvida para sua relação com o universo e para si mesmo. Porém, muito tem se questionado acerca de sua participação nas escolas brasileiras e sobre sua metodologia de ensino. O debate acerca dessa questão sempre rendeu diversos argumentos, nem sempre favoráveis a prática curricular da Filosofia por parte de alunos, professores e, até mesmo, gestores da área educacional. É esse debate que tem feito com que a prática da Filosofia tenha dificuldade em avançar no que diz respeito a comprovar burocraticamente e demarcar sua importância para a formação do jovem estudante do ensino médio, o que é aproveitado por políticos e pelas influências econômicas, como explicitado no item anterior, para compor o caráter intermitente da disciplina no currículo¹⁰. Ainda há, certamente, questões complexas acerca da prática filosófica nas escolas brasileiras, como as técnicas de ensino mais adequadas frente a abordagem diferenciada de qual o conteúdo abordado necessita (o que faz desse um problema filosófico, e não meramente didático ou pedagógico, do ponto de vista do profº Juarez⁹) e por que o jovem aluno desprestigia esse conhecimento juntamente, não raro, com professores de outras disciplinas¹⁰.

Quanto a relação da Filosofia com as outras disciplinas do currículo brasileiro, essa fica complicada com o desaparecimento da disciplina, pois, seu desenvolvimento, enquanto um pensar e repensar da cultura, depende, em grande medida, dos demais, visto que são eles que formam a base cultural da escola e é dessa base cultural que se constitui a reflexão filosófica. Além disso, um dos objetivos da educação no ensino médio é

fazer com que o aluno seja capaz de enxergar as questões ao seu redor de maneira integrada, e não fragmentada como as matérias dispostas na grade curricular. Sendo assim, investir em interdisciplinaridade é uma tentativa de compensar a fragmentação cultural da modernidade, porém não adianta só aproximar os conteúdos, mas é necessário ensinar o aluno a compreender a realidade como um inteiro¹⁰. Como citado por NAIDON (2013, p. 270), a Filosofia “não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta, que se confronta consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com outros saberes, um saber aberto e em construção coletiva”. Sendo assim, ela poderia contribuir para que haja uma visão panorâmica e articulada dos conhecimentos adquiridos nos bancos escolares, ou até mesmo fora deles, uma vez que dialogando com outros saberes, o pensar filosófico torna mais claro as inter-relações existentes entre diferentes áreas do saber, dentre elas, até mesmo o saber filosófico^{4,7,10}. Por isso, a presença e a tarefa da disciplina Filosofia no ensino médio de maneira contínua e positiva, em relação a colaboração com outras disciplinas, depende propriamente de mudanças na forma como as ciências, as artes e a literatura (a cultura) são apresentadas e trabalhadas pelos professores¹⁰. Quanto aos debates relativos à conduta de veículos de comunicação, tais como televisão e rádio, tão presentes em nossa vida, não se pode ignorar que nessas discussões estão envolvidos temas, noções e critérios de ordem filosófica. Isso significa que há uma demanda espontânea da sociedade por uma linha de reflexão que forneça instrumentos para o adequado equacionamento desse material intelectual. Tal demanda é contínua, nunca deixa de existir, ao contrário da disciplina Filosofia, que foi inúmeras vezes retirada do currículo. Uma prova disso é que mesmo a grande mídia não se furta ao aproveitamento dessas oportunidades para levar a público debates de ideias no nível filosófico, ainda que frequentemente de modo superficial ou unilateral³. Porém, fica realmente complicado educar e estimular o aluno acerca desses temas sem interdisciplinaridade e um momento durante sua formação para desenvolver o filosofar dentro do ambiente escolar. É importante, também, não só criar esse momento para a Filosofia, mas arquitetar de que maneira ele ocorrerá para que os jovens não tenham desinteresse pela matéria frente ao ambiente, que até então não é adequado para receber a Filosofia como componente curricular. Segundo Cortella, já citado acima:

“No currículo de uma semana toda colocar a disciplina Filosofia na sexta-feira das 21:30 as 22:15, pra dar uma tintura filosófica, é desprezar um pouco uma área do conhecimento que tem a sua importância. Pergunta: Precisa a matéria Filosofia na escola? Nem todo tempo. Precisa o assunto filosofia? Claro, em literatura, em matemática, em física, em geografia, em história, um conjunto. Afinal de contas, tudo foi Filosofia!”.(NETO, 2013)

A grande questão, o grande centro em torno do qual gira essa problemática toda, é o aluno. Este, atualmente, está inserido no meio globalizado, que tende a prepará-lo para conhecimentos já pré-prontos para o “consumo”⁴, regidos pelas leis de mercado. São essas leis que regem, na penumbra, segundo a definição de indústria cultural dos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, cada indivíduo, que é esculpido para pensar que tem opções para escolher e livre arbítrio entre elas, mas, na verdade só está escolhendo dentro daquilo que já foi pré-selecionado para apresentação. Dessa forma, a Filosofia se apresenta como um conhecimento estranho, desinteressante, que ficou a margem da educação obrigatória e que apresenta-se para tirar o aluno de seu lugar de conforto, o que constitui mais um motivo para sua objeção por parte do jovem. Assim, como reinserir e adaptar a Filosofia nesse contexto de globalização, quando até mesmo os que mais se beneficiariam dessa inserção estão contra ela? Esses indivíduos influenciados pela indústria cultural, que serão os alunos das aulas de Filosofia, terão que assumir uma postura adequada a aguçada capacidade crítica, natural das reflexões que propõe a discussão filosófica. Há, segundo NAIDON (2013, p. 276), uma discrepância entre as exigências impostas pela atividade filosófica e a capacidade prévia dos alunos da escola atual. O pensar filosófico vai contra a recepção passiva e fácil, sem esforço, de informações as quais os alunos estavam acostumados. Diante disso, a Filosofia acaba sendo algo pouco ou nada atrativo dentro do ambiente escolar, o que acaba prejudicando sua inserção e consolidação na escola. É importante reforçar que a Filosofia como disciplina escolar não é um fator mágico, solução para todos os problemas da humanidade, mas, certamente, tem sua grande parcela de contribuição para a melhoria desses.

Ainda sobre os alunos, esses, em geral, questionam seus professores sobre o porquê do estudo da Filosofia. Tal questionamento é até justificável, visto que a Filosofia esteve fora do currículo escolar durante tempo suficiente para que as pessoas “desaprendessem” qual a sua importância e, ainda por cima, o ensino

profissionalizante somente procurou “suprir” a escola com os recursos humanos demandados pelo mercado de trabalho⁵. Entende-se, então, que o professor de Filosofia deve ser muito cauteloso ao entrar nessa área até então dominada pelos interesses do mercado, visto que ele é o mediador entre o conhecimento filosófico, novo, e o aluno, levando esse último através de uma boa metodologia de ensino, a sondar os princípios de todo tipo de conhecimento e buscar a verdade sobre eles. O pensar filosófico constitui um fator essencial para ajudar o aluno a pensar sobre tudo o que envolve sua existência devido à própria definição do filosofar, já aqui exposta, pois ele procura pensar no todo da realidade. Sócrates já proferia, em sua época, que o melhor método para filosofar com os alunos consiste no diálogo e na reflexão. Tal diálogo, a que se referia, é aquele acontece entre dois amigos, que, no caso, vão se propor a discutir e refletir⁸. Porém, o professor encontra aí um obstáculo: como estimular a amizade em um ambiente, até então, hostil para o diálogo filosófico? Esta aí mais uma possível seqüela da ausência da disciplina Filosofia da escola: a hostilidade do aluno.

2.3. Panorama entre o antigo e o novo ambiente educacional

Como visto, ao longo da história da Filosofia, esta está sempre entrando e saindo do currículo sem aviso prévio, mas nunca deixou de ser necessária para a população ou deixou de existir em sua essência, pois permeia os assuntos do cotidiano de maneira independente a sua presença na escola, como mostrado acima. Apesar do fato de não necessitar de estar no currículo para ser praticada, a Filosofia é subutilizada quando está nas mãos de usuários em potencial, mas não é adequadamente explorada devido a falta de instrução profissional, que poderia ter sido dada durante a formação do indivíduo por um “facilitador” do pensamento filosófico. Essa lacuna dificulta a visão holística da realidade pelo ser humano, algo que fará falta ao longo de toda uma vida de “visão parcial” do que está a sua volta. Dessa forma, a presença da Filosofia no currículo é uma promessa que envolve, como diz prof^o Juarez, “mais do que ensinar, deve “fazer aprender”, uma vez que não se podem prever as mudanças que virão nos mais diversos campos da cultura etc.” (SOFISTE, 2007, p. 114)

3. Metodologia

Conforme já exposto acima, tendo-se por base a pergunta motivadora desse estudo (“De que maneira a intermitência da Filosofia no currículo do ensino médio brasileiro impacta na educação dos jovens?”), será feito a observação e o acompanhamento, durante o mês de maio de 2015, de quatro turmas de ensino médio (dois primeiros anos, um segundo ano e um terceiro ano) durante o Curso de Filosofia, em Escola pública de perímetro urbano no centro da cidade Juiz de Fora/MG. Tal observação terá a finalidade de identificar e observar, sobretudo, as principais seqüelas encontradas no campo prático da intermitência da presença da Filosofia no currículo do ensino médio brasileiro. Com base nessa vivência, será feito um levantamento de estratégias e fatores que reforçam ou atenuam o impacto do desenvolver do pensamento crítico filosófico por parte dos alunos após todo o complicado histórico burocrático da disciplina. Como referencial teórico, em sua maioria o trabalho possui referenciais filosóficos, visto que esse modo de pensar é fundamental na abordagem de um assunto como o aqui abordado.

4. Resultados e sua discussão

Durante o período de um mês de pesquisa de campo, foram acompanhadas duas turmas do primeiro ano, uma turma do segundo ano e uma turma do terceiro ano do ensino médio. Foi observado que os temas levados para sala de aula são contemporâneos, muitos deles acontecimentos do passado que se correlacionam com a atualidade, a citar:

1) O professor traz algumas músicas que foram lançadas ao longo das décadas (anos 70, 80, 90, 2000...), que falam sobre mulheres, homens e amor; depois de ter explicado para os alunos, o mesmo faz uma pergunta para que se reflita e analise a evolução desse tema durante os anos, ou seja, de que maneira a mulher é retratada e a evolução desse assunto nas músicas. Tal dinâmica proporcionou aos alunos a formação de ideias próprias, opiniões, de forma que pudessem colocar em prática seus “pensamentos filosóficos” acerca do assunto

exposto. Esses, alvos dessa dinâmica, mostraram-se interessados com a técnica inovadora, apreensivos e colaborativos com o professor para que o conteúdo fosse desenvolvido de maneira fluida.

2) Na aula subsequente, um dos temas passados para os alunos foi “a herança de Rousseau: o homem como animal desnaturalado”. Não foi feita dinâmica nesse encontro, mas uma aula expositiva convencional. Foi notada certa dispersão dos alunos em relação a dinâmica realizada acima e, também, a subsequente.

3) Em outra aula, o professor faz algumas perguntas para os alunos, com o objetivo de tirar a mente dos ouvintes de seu lugar de conforto, depois de ter explicado sobre a Ciência, poder e ideologia. São elas: Qual a razão dos conflitos entre o saber popular e o saber intelectual? A ciência pode estar dissociada da realidade? Como se relacionam, hoje, ciência e poder? Com perguntas assim, o discente conseguiu fazer com que os alunos se sentissem incomodados o suficiente a ponto de buscar uma resposta para solucioná-las, em assembleia e, posteriormente, elaborar, como tarefa, uma resposta escrita para discussão na aula subsequente. A adesão à tarefa foi praticamente total, todos entregaram e discutiram.

4) Na quarta aula, foi realizada avaliação escrita.

Em todas as aulas foi passado um pequeno resumo no quadro negro, para que os alunos fizessem cópia, e este era complementado com conversas, discussões e/ou dinâmicas.

Durante o período de observação, notou-se que as turmas de primeiro ano do ensino médio apresentavam maior grau de dispersão em relação as do segundo e terceiro anos, provavelmente por estarem tendo o primeiro contato com a matéria Filosofia naquele momento, já que o currículo não encontra-se estruturado de maneira a introduzir o pensar filosófico de maneira formal antes desse ponto da vida escolar. Houve melhora desse comportamento ao longo do tempo de observação.

Foi observado, também, que não havia tempo suficiente para a evolução do conteúdo em sua maneira plena (50 minutos por semana), ficando a metodologia do professor muito dependente de tarefas domésticas e, algumas vezes, perdendo de vista pontos importantes do pensar filosófico a serem retomados na aula subsequente. Caso houvesse um tempo semanal adequado para o desenvolvimento da habilidade, havia a possibilidade do desenvolvimento de um cronograma mais diversificado e uma melhor preparação do aluno dentro das propostas da disciplina. Apesar de o presente estudo ter observado somente um mês da vida escolar, fica a dúvida de que, se em um mês já se percebe o impacto negativo da perda de espaço da Filosofia para outras matérias, devido a sua ausência por um longo período de tempo, certamente o dano seria bem maior e mais prejudicial ao longo de um ano de observação.

A ausência da Filosofia no cotidiano do ensino médio freou o desenvolvimento não só do desenvolvimento do pensar filosófico por parte dos alunos, mas de toda a estrutura que envolvia a permanência da disciplina na escola. A perda de espaço gradual da matéria para outras faz com que ela tenha, quando reinserida no currículo, que abrir novamente esse espaço para seu desenvolver, bem como se readequar ao cotidiano do jovem, um processo que foi natural para os demais componentes do currículo por estarem perenes na escola do ensino médio. Outro ponto importante é a formação do professor, cujo curso de graduação também deixou de prepará-lo adequadamente para o ensino, visto que essa não era uma habilidade necessária ao graduando de Filosofia durante o tempo de exclusão curricular. Além disso, é sabido, como já foi discutido, que Filosofia não é uma matéria que compartilha da mesma metodologia de ensino das outras matérias, necessitando de meios diferenciados para instigar o aluno⁷. Dentro desse processo ensino/aprendizagem encontra-se um intermediário: o professor. Elisete M. Tomazetti levanta os seguintes questionamentos acerca dessa temática:

“O que significa uma sólida formação desse professor? Como os cursos de licenciatura em Filosofia têm-se posicionado acerca das questões relativas ao ensino e à escola, uma vez que têm como tarefa formar professores para atuarem nas escolas? Qual o prestígio que o ofício de professor possui nesses cursos?” (TOMAZETTI, 2002, p.73)

A resposta de todas essas perguntas passa pela seguinte afirmação, feita pela mesma autora: “essa formação inicial muitas vezes desconhece a realidade do ser professor de Filosofia, no contexto específico da escola”, ou seja, de formar um professor de Filosofia que tem uma carga acadêmica, mas não está preparado para lidar com as adversidades do meio em que exercerá sua profissão¹⁰. É necessário criar espaços, como cursos de reciclagem, por exemplo, que deem oportunidade ao professor de continuar sua formação, pois os

alunos de cada época são diferentes, apresentam comportamento diferente e, portanto, necessitam ser abordados de maneira singular. No caso abordado, houve uma dificuldade do primeiro contato com as turmas de primeiro ano, que poderia ser explicada tanto pela falta da presença da Filosofia como disciplina no ensino médio, como por uma lacuna de habilidade do professor em administrar esse problema, visto que a formação acadêmica não explora essa habilidade na graduação de maneira efetiva.

Além de problemas teóricos e metodológicos, também há de se lembrar que a disciplina enfrenta problemas como a carga horária nas escolas, como já dito, que é na maioria das instituições, não só na estudada, uma vez por semana¹⁰. Fica realmente muito complicado desenvolver reflexões, criar um hábito do pensar filosófico em um período de tempo tão estreito. Assim sendo, mesmo a melhor didática desenvolvida pelo mais brilhante e bem preparado professor não encontrará facilidade em crescer em um campo que não foi preparado para ela, visto que não havia uma formação filosófica contínua e, hoje, apesar de ter sido reinserida no currículo, não há tempo hábil adequado para que essa formação ocorra. Essa continuidade, bem como o adequado contato com o conteúdo, é parte vital desse processo de compreensão acerca da Filosofia nas escolas³.

Outra discussão pertinente é a maneira como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), desenvolvidas pelo Ministério da Educação são elaboradas. A Filosofia, como as demais disciplinas do ensino médio brasileiro, deve sim ter um plano de aulas e um conteúdo básico a ser administrado, porém, devido ao caráter reflexivo, não gessado, da matéria, deve-se prever maleabilidade na hora de avaliá-la em exames de caráter nacional, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou o vestibular. Esse método de avaliação foi perpetuado ao longo do tempo frente a ausência da Filosofia no currículo, ou seja, ele foi o que se adaptou frente a metodologia empregada pelas demais disciplinas do ensino médio. A Filosofia não teve chance de participar da elaboração desse método de avaliação, mas teve que se inserir nele como uma competência a ser avaliada. Elaborar questões fechadas, com alternativas já preparadas para escolha cerceia o pensamento do aluno e não valoriza o “hábito” reflexivo criado a duras penas durante o escasso tempo semanal reservado à Filosofia³. Como escrito na própria OCEM, a “formação que não é uma mera oferta de conhecimentos a serem assimilados pelo estudante, mas sim o aprendizado de uma relação com o conhecimento que lhe permita adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (Artigo 36, Inciso II), ou seja, isso vai além de “dominar um conteúdo”, mas saber “manuseá-lo”. Como avaliar a capacidade reflexiva do aluno se ele não tem liberdade para manifestá-la?³ É preciso rever tanto o que é cobrado, como a maneira de se cobrar o conteúdo filosófico. Dessa forma, uma reestruturação das diretrizes acerca da Filosofia no ensino médio é necessária, para um modelo mais atual, contextualizado, bem como um repensar na avaliação da capacidade reflexiva dos alunos nos exames de magnitude nacional. Para Sofiste, caso a educação média seja meramente um treinamento para o vestibular, então não há espaço para a Filosofia nele, pois Filosofia e treinamento são “coisas que não se combinam”⁹.

No passado, a Filosofia, devido a características elitista da educação, era vista como um assunto de alta complexidade, de difícil domínio e que só poderia ser conduzido por poucos¹. Visto que os tempos mudaram e a educação agora é acessível as massas, é mandatório que o ensino filosófico deva ser alcançável por todos, da maneira mais igualitária possível. Adequar o ensino dessa disciplina, principalmente depois de tanto tempo longe dos currículos, a ambientes tão diversos é um enorme desafio⁶. Há entre as escolas grande heterogeneidade, sendo algumas assoladas, como diz PARCIANELLO (2012, p.78), pela “violência, pela invasão das novas tecnologias de comunicação, por estruturas familiares contestáveis, etc”. Tudo isso passa a contar quando se aborda o ensino de jovens⁶. No meio de toda essa dinâmica, encontra-se o professor, que deve levar em conta todos esses fatores e convergi-los de maneira favorável à disciplina, para que essa possa atuar de maneira a acrescentar em suas vidas pessoais e valorizá-los como seres humanos, pois esse é um dos papéis históricos da Filosofia. Como, mais uma vez, diz PARCIANELLO (2012, p.78), é claro que “esta não teria um fim e nem resolveria todos os problemas, mas, por seus pressupostos elementares, mostraria uma nova visão de mundo no processo de ensino”.

Todos os fatores aqui discutidos influem no processo de percepção do aluno em relação à Filosofia durante o período do ensino médio e, certamente, há situações que vão além do que se pode prever unicamente nesse estudo. Porém, não é por esse motivo que não devemos deixar de tentar abordar a situação de uma maneira holística e deixar pendente os assuntos já evidentes de nossas falhas quanto sociedade na formação de

nossos jovens. É frente essas falhas que devemos nos perguntar: “qual o jovem que queremos para o futuro?”. É respondendo essa pergunta que irá se definir o espaço mais adequado para cada matéria no ensino médio, bem como se a Filosofia deve ou não permanecer no currículo, dúvida que, frente ao discutido aqui, não parece mais ter uma resposta tão inatingível.

6. Conclusão

É evidente que, frente ao exposto, a ausência da Filosofia no ensino médio brasileiro deixou sequelas para o aluno, que a recebe com certo desconforto em sua vida acadêmica, para o professor, que não foi adequadamente preparado frente ao campo prático que encontra atualmente e, até mesmo, para a própria Filosofia dentro da escola, que perdeu tanto espaço para todos os outros conteúdos que necessitará disputar espaço com eles para que possa desenvolver-se de maneira adequadamente positiva. Contudo, mesmo frente a todos esses obstáculos, a presença da Filosofia no ensino médio é primordial, visto que poucas vezes, dentro do currículo o aluno terá a oportunidade de exercer o “pensamento conceitual”⁴. Já que o ensino médio é a última etapa da educação básica, essa é a última oportunidade formal de se estudar Filosofia e, principalmente, fazer com que ela aconteça na vida desses jovens. Só haverá outra oportunidade como essa para aqueles que decidirem segui-la em seus estudos universitários. Dessa forma, não estigmatizá-la e criar uma cultura filosófica, com sua presença definitiva no currículo, é a melhor maneira de perpetuá-la na vida do brasileiro. Citando Adriane Kareen Müller Silva:

“A Filosofia é antes de tudo um convite para pensar, e é aceitando este convite que os homens vão, aos poucos, sendo introduzidos no seu mundo. Desta forma, o próprio aluno poderá, com o passar do tempo, perceber a importância de se aprender a filosofar e responderá por si próprio o questionamento que fez ao seu mestre no primeiro dia de aula: Por que estudar Filosofia?”. (SILVA, 2015, p.11)

6. Bibliografia

1 - CESAR, RP. **Filosofia, educação e virtude: o caminho para a felicidade**. Revista Pandora Brasil, Nº 38, 2012.

2 - MAZAI, N; RIBAS, MAC. **Trajetória do Ensino da Filosofia no Brasil**. Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 2, n.1, p.1-13, 2001.

3 - Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Editora do Ministério da Educação, 2006.

4 - NAIDON, KGVC. **Sentido e possibilidades da aula de Filosofia no Ensino Médio**. Filosofia e Educação. V. 4, Número 2, 2013.

5 - NETO, J. **Mário Sérgio Cortella - Filosofia nas escolas**. Entrevista com Mário Sérgio Cortella, 3'53". Personagem São Paulo. TV Câmara, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hLFwNP3uKRI>>. Acessado em: fev, 2016.

6 - PARCIANELLO, AC. **A filosofia no ensino médio: a prática na sala de aula**. Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, v. 03; nº. 01, 2012.

7 - RODRIGUES, ED; FLORES, APM; RIBAS, MAC. **Filosofia: a problemática filosófica do seu ensino**. XII Salão de Iniciação Científica – PUCR, out, 2011.

8 - SILVA, AKM; LOPES, MI; PRADO, JBF. **Uma breve reflexão sobre o ensino de Filosofia nas Escolas de Ensino Médio do Brasil**. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/Uma-breve-reflex%C3%A3o-sobre-o-ensino-de-Filosofi.pdf>>. Acessado em: out, 2015.

9 - SOFISTE, JG. **Sócrates e o ensino da Filosofia: Investigação Dialógica - uma pedagogia para a docência de Filosofia**. Petropolis-RJ. Vozes, 2007.

10 - TOMAZETTI, EM. **Filosofia no Ensino Médio e seu Professor: algumas reflexões**. Educação, v. 27, nº 02, 2002.